

## O ESPAÇO DA FÁBRICA TAMBÉM PODE SER HABITADO POR LIVROS E LEITORES

Izandra Alves<sup>1</sup>

Luana Paula Maldaner<sup>2</sup>

Raiane Samira Gondim<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar dados e reflexões acerca da instalação de um espaço não formal de leitura em uma indústria de móveis na região do Vale do Caí, no RS<sup>4</sup>. O texto destaca a motivação dos organizadores do espaço e apresenta o funcionamento, a organização, a aceitação, a busca pelos livros por parte dos trabalhadores, além dos resultados dessa atividade promotora de leitura. A metodologia baseia-se na pesquisa qualitativa-quantitativa e o instrumento utilizado para o levantamento dos dados foi questionários respondidos por funcionários e idealizadores do projeto. As descobertas foram analisadas à luz de teorias da área da leitura e de outras pesquisas nacionais sobre o tema. Como resultados, evidenciou-se que a maior parte das obras disponíveis no acervo não são literárias, mas volumes de autoajuda, técnicos, motivacionais e espirituais. Dentre os relatos dos leitores, destacam-se os que mencionam a leitura enquanto função utilitarista. Constata-se que a ação influencia muitos funcionários a iniciar ou a potencializar a leitura como prática. Outra evidência é que de 2021 para 2022 as retiradas de livros mensais aumentaram de 38 para 65 ao mês. A investigação traz, ainda, o dado de que a região dialoga com os resultados nacionais sobre leitura e, na maioria dos pontos, se sobressai. Nesse sentido, o texto destaca a importância de que todo e qualquer lugar pode ser um espaço para acolher livros e leitores e que a leitura do texto literário deve ser incentivada como uma importante aliada para o processo de humanização dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Leitura; Espaços não formais; Trabalhadores; Literatura.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *campus* Feliz. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6063-3753>. E-mail: [izandra.alves@feliz.ifrs.edu.br](mailto:izandra.alves@feliz.ifrs.edu.br)

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *campus* Feliz. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9375-0136>. E-mail: [luana.maldaner@gmail.com](mailto:luana.maldaner@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduanda em Ciências Jurídicas na UniRitter. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9375-0136>. E-mail: [raianegondim7@gmail.com](mailto:raianegondim7@gmail.com).

<sup>4</sup> Pesquisa financiada pelo Edital IFRS nº 12/2022 - Fomento Interno para Projetos de Pesquisa e Inovação 2022/2023.

## THE SPACE OF THE FACTORY CAN ALSO BE INHABITED BY BOOKS AND READERS

### Abstract

This article has for objective present data and reflections about the installation of a non-formal reading space in a furniture industry in the Vale do Caí region, in RS. The text highlights the motivation of the organizers of the space and presents the operation, organization, acceptance, search for books by workers, in addition to the results of this activity that promotes reading. The methodology is based in qualitative and quantitative research and the instrument used for data collection was questionnaires answered by employees and project creators. The discoveries were analyzed in the light of theories in the area of reading and other national research on the subject. As results, it was evident that the most of the works available in the collection are not literary, but self-help, technical, motivational and spiritual volumes. Among the readers' reports, those that mention reading as a utilitarian function stand out. It is evident that the action influences many employees to initiate or to potentialize reading as a practice. Another evidence is that from 2021 to 2022 the book withdrawals increased from 38 to 65 per month. The investigation also brings the data that the region dialogues with the national results about reading and, in most of points, it stands out. In this sense, the text highlights the importance that any and all places can be a space to welcome books and readers and that the reading of literary texts should be encouraged as an important ally for the process of humanization of the individuals.

**Keywords:** Reading; Non-formal spaces; Workers; Literature.

## EL ESPACIO DE LA FÁBRICA TAMBIÉN PUEDE SER HABITADO POR LIBROS Y LECTORES

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar datos y reflexiones sobre la instalación de un espacio de lectura no formal en una industria de muebles en la región de Vale do Caí, en RS. El texto destaca la motivación de los organizadores del espacio y presenta el funcionamiento, organización, aceptación, búsqueda de libros por parte de los trabajadores, además de los resultados de esta actividad que promueve la lectura. La metodología se basa en una investigación cualitativa-cuantitativa y el instrumento utilizado para la recolección de datos fueron cuestionarios respondidos por los empleados y creadores del proyecto. Los hallazgos fueron analizados a la luz de teorías en

el área de lectura y otras investigaciones nacionales sobre el tema. Como resultado, fue evidente que la mayoría de las obras disponibles en la colección no son volúmenes literarios, sino de autoayuda, técnicos, motivacionales y espirituales. Entre los relatos de los lectores se destacan aquellos que mencionan la lectura como una función utilitaria. Otra evidencia es que de 2021 a 2022 los retiros mensuales de libros aumentaron de 38 a 65 por mes. La investigación también trae los datos de que la región dialoga con los resultados nacionales en lectura y, en la mayoría de los puntos, se destaca. En ese sentido, el texto destaca la importancia de que todos y cualquier lugar puedan ser un espacio de acogida de libros y lectores y que se fomente la lectura de textos literarios como un importante aliado para el proceso de humanización de los sujetos.

**Palabras clave:** Lectura; Espacios no formales; Trabajadores; Literatura.

## INTRODUÇÃO

A prática da leitura, antes de mais nada, surge da inquietação e da busca. A relação entre leitores e livros não se dá gratuitamente e despretensiosamente como muitos acreditam. Antes, sim, ela acontece a partir de um encontro de interesses. O leitor busca companhia? Quer entregar-se ao deleite? Busca conforto? Quer adquirir conhecimentos? Precisa ser provocado, impulsionado e questionado para poder agir e, por isso, busca nas leituras a forma de sair do lugar comum? Quiçá nunca encontraremos respostas precisas para tais questionamentos e isso tampouco interessa. Contudo, o que realmente tem relevância é perceber que essa procura na maioria das vezes vai além da busca pelo útil e transcende o visual, atravessa as vias do olfato, faz-se presença tátil, gustativa e, por fim, quando solidificada, traduz-se em afeto.

É por conta do afeto que possuem os mediadores de leitura por livros e histórias, como explica Goldin (2012), que eles não se cansam de propagar ações cujo fim seja facilitar a hospitalidade da leitura em pessoas que frequentam espaços que não são comuns para esta atividade. Esses mediadores muitas vezes nem sabem que são capazes de fazer essa mediação e, por isso, buscam formas de facilitar a outros que sejam os porta vozes dessa grandeza de trabalho de amor à humanidade, conforme reforça o autor.

A preocupação em disponibilizar o acesso à leitura ou mecanismos de encontro com histórias e poesias àqueles que têm dificuldades em topar com elas faz dos mediadores importantes propagadores de acesso ao que Candido (2017) chama de bens incompressíveis. Segundo o autor, a leitura deve ser um bem incompressível porque desencadeia a humanidade que existe nas pessoas e que precisa ser fortalecida. Muitos desses mediadores ou facilitadores de acesso a livros, por terem aproximação a materiais de leitura, os disponibilizam de forma solidária socializando, assim, o conhecimento e as experiências leitoras que urgem ser expandidos.

É sobre este propósito e esta crença que o artigo aqui descrito se debruça. Apresentamos o resultado de um trabalho de pesquisa que investigou como se dá o incentivo à leitura em uma indústria de móveis na região do Vale do Caí, no Rio Grande do Sul. Trata-se da empresa Madesa Móveis, de Bom Princípio - RS, que investe tempo, espaço, recursos humanos e financeiros em prol da difusão da leitura e da formação de leitores. Assim, expomos os resultados da referida investigação que aponta as motivações dos idealizadores do projeto que leva livros a este espaço não formal de leitura e como se organiza e desenvolve esse trabalho. Além disso, revelamos informações sobre o interesse acerca da recepção dos trabalhadores para esta prática não muito peculiar em ambiente laboral.

Assim, trazemos as descobertas da investigação como forma de elementos a serem pensados e discutidos à luz das teorias da leitura em espaços não formais para essa prática e apontamos a necessidade, já mencionada anteriormente, de pensar o incentivo e a mediação de leitura a partir do que defende Candido (2017), a humanização. Isso porque vivemos em uma sociedade cada vez mais voltada à produção que visa o lucro e que monitora os trabalhadores sob o jugo do tempo, como explica Ordine (2016) em seu estudo sobre a utilidade do inútil. Há um horário a cumprir e uma meta a atingir a fim de satisfazer as necessidades do mercado. Onde está o tempo destinado ao processo de humanização desses trabalhadores que seguem a esteira da produção em série?

Somos sabedores de que ações como esta que aqui descrevemos não são a solução milagrosa para a formação de leitores e tão pouco para que se resolvam os problemas de falta de humanização que o trabalho mecanizado da sociedade do lucro e do capital impõe. Contudo, conviver com estantes de livros no dia-a-dia, no local de trabalho, é um convite à transgressão, à (trans) formação de que nos fala Larrosa (2016), pois eles estão aí, habitando um espaço comum e se fazem disponíveis aos olhares que, aos poucos, irão ceder à curiosidade e à busca sobre a qual falamos anteriormente, pois a simples presença do livro na porta de entrada da indústria já é uma forma de se impor e ratificar que todo lugar pode ser lugar de e para ler. Assim, desligar o barulhento motor ou descansar os dedos do teclado e permitir-se abrir um livro para ouvir a melodia ou a provocação das palavras em forma de arte é, sim, um respiro em meio ao caos.

## COMO CHEGAMOS AOS DADOS - A METODOLOGIA

A metodologia é, segundo Minayo (2003), o caminho do pensamento e a prática exercida ao se realizar a abordagem de uma realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. Além disso, ela inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e, principalmente, o máximo de aproveitamento das potencialidades criativas de quem investiga.

Ao levar em consideração este conceito, a caracterização da pesquisa que realizamos neste trabalho é de cunho qualitativo e quantitativo. Esse texto revela, então, como foi criado e como se desenvolve o projeto de promoção da leitura que a indústria realiza em seu espaço de trabalho e que tem o intuito de aproximar os trabalhadores dos livros.

Nesse sentido, revelamos dados acerca da motivação dos organizadores do espaço, além de explicar como se dá o funcionamento, a organização, a aceitação e a busca por materiais de leitura por parte dos trabalhadores da indústria de móveis Madesa Móveis e destacar os resultados positivos (ou não)

das ações. Para tanto, Candido (2017) nos serve de base para defender a literatura como um direito humano incompressível que contribui para a evolução de uma comunidade, independentemente de a pessoa estar frequentando uma escola/universidade. Corroborando com esta ideia também está Petit (2009), que discute a importância dos livros para que se possa ler o mundo. Valemo-nos, ainda, de Perrot (1988) e seus escritos sobre os operários como os excluídos da história a fim de que se pense sobre os avanços e retrocessos que ainda assombram essa categoria. Também cabe trazer à luz os escritos do francês Rancière (1988) acerca dos proletários e sua relação com a leitura como forma de libertação da condição de atividades promotoras da leitura e do acesso aos livros. Nossa hipótese é de que com maior acesso aos materiais de leitura e incentivo para essa prática, as pessoas comecem a dedicar-se à atividade leitora, mesmo que estejam afastadas dos espaços formais destinados ao ler.

A fim de comprovar essa tese, fizemos uma entrevista estruturada com os responsáveis pela ação proposta naquele espaço não formal de leitura, uma visita *in loco* e uma conversa com alguns trabalhadores-leitores a fim de buscar as informações que nos permitissem compreender a proposta da empresa e avaliar/estudar os resultados que já possuem, relacionando-os com as teorias da área da leitura em espaços não formais.

Os questionários foram enviados para 22 funcionários escolhidos aleatoriamente pela responsável pelo setor de Recursos Humanos da empresa, o que confere seu caráter de classificação como amostragem probabilística aleatória simples, que de acordo com Castanheira (2013), trata-se de uma amostra de elementos retirados ao acaso da população. No que diz respeito a essa investigação, cada trabalhador foi escolhido completamente ao acaso e qualquer um deles teria a mesma probabilidade de ser incluído na amostra.

Nesse sentido, desse total, recebemos o retorno de 16 trabalhadores, sendo um deles, o responsável pela organização da biblioteca. Para mantermos a ética da pesquisa e preservarmos a identidade dos entrevistados, valemo-nos do campo literário para nomear os participantes. Assim, usamos nomes de escritores como codinomes. São eles: Adélia Prado, Clarice Lispector, Lygia

Fagundes Telles, Cecília Meireles, Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis, Hilda Hilst, Ruth Rocha, Rachel de Queiroz (a responsável pelas informações da biblioteca e acervo), Carolina Maria de Jesus, Machado de Assis, Lima Barreto, Carlos Drummond, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade.

De posse dos dados coletados a partir da entrevista com o setor responsável pelo projeto na empresa, da visita ao espaço destinado aos livros e da conversa com alguns trabalhadores, fizemos a análise dos dados cruzando com as leituras teóricas. A organização da análise está baseada nas seguintes categorias: a. A empresa e a sua relação com os livros/a leitura; b. A visão dos organizadores da ação: projeto aplicado e os resultados obtidos; c. A visão dos trabalhadores envolvidos na ação: influência direta em seu dia a dia; d. Como o projeto da empresa Madesa pode contribuir para fomentar a leitura na região do Vale do Caí.

Esta é uma investigação de cunho qualitativo, porém não se excluem (e são extremamente relevantes) os dados quantitativos que surgiram durante o processo. As pesquisas na área da leitura, em sua grande maioria, trabalham com o imponderável, ou seja, nem sempre possuem a mesma exatidão comprobatória que os números de pesquisas das áreas das ciências exatas podem trazer. Contudo, o processo de construção e as implicações emocionais e reconstruções de memória que sugerem as narrativas coletadas contribuem para a riqueza dos dados que encontramos e que se farão perceber nas entranhas dos textos quando realizarmos a abordagem exploratória.

A autora Minayo (2003) afirma que o conjunto de dados quantitativos e qualitativos não se opõem, ao contrário, esses dados se complementam, pois, a realidade que eles abrangem exclui a dicotomia e interage dinamicamente. Por isso, o fato de o participante da pesquisa aqui descrita mencionar o número de livros que lê não necessariamente seja mais importante do que a informação acerca de suas percepções sobre uma determinada leitura. Dados que remetem à quantidade são tão importantes quanto os julgamentos, memórias e crenças subjetivas acerca da visão que idealizadores e trabalhadores possuem do projeto da biblioteca na empresa e que surgiram ao longo da pesquisa.

É dessa forma que cruzamos os dados da pesquisa, unindo as impressões, as subjetividades dos entrevistados, tanto do idealizador do projeto de leitura na empresa, responsável pelo setor, quanto dos trabalhadores-leitores com os números que eles mesmos trazem. Do ponto de vista dessa concepção, mostramos que a pesquisa qualitativa não exclui a utilização de dados quantitativos que vêm, mas sim, que eles são fundamentais para complementá-la.

## A FORMAÇÃO DA BIBLIOTECA

A biblioteca surgiu como reflexo do hábito da leitura do fundador e do incentivo ao aprendizado contínuo que é uma tradição na empresa. Deste modo, o espaço surgiu há mais de 10 anos e disponibiliza livros técnicos e comportamentais e, em menor número, os literários. A ideia é facilitar o acesso dos colaboradores às obras, incentivar e viabilizar a leitura e o conhecimento.

Com a aplicação de um questionário respondido pela representante da empresa, tivemos as informações sobre a organização da biblioteca. A funcionária que nomeamos com o codinome Raquel de Queiroz relatou que a empresa possui 700 trabalhadores, dentre eles 65 participam do projeto da biblioteca. Em relação a divulgação dessa ação, são promovidas informações mensais aos colaboradores, como por exemplo sobre que volumes que estão disponíveis, qual é o indicado da vez, entre outras. Uma delas é um newsletter, uma espécie de cartaz onde é apresentado um assunto central de grande interesse no momento, principalmente para o meio onde estão inseridos, o mercado de negócios e tudo o que gira neste entorno, como a produção e a motivação. O tema do texto é relacionado às indicações de leituras, que também convergem sobre o mesmo assunto; nele, também há comunicação sobre quando novos livros são adicionados ao acervo da biblioteca. O *link* para consulta *online* ao acervo também é constantemente divulgado para despertar o interesse das pessoas.

Quando iniciamos o projeto, em junho de 2022, o lugar destinado à biblioteca era na entrada do bloco principal de acesso aos escritórios, em uma

estante de livros com bancos dispostos em círculos, propícios para o encontro com a leitura. Já no mês de agosto, quando visitamos o espaço pela segunda vez, a empresa havia inaugurado uma sala destinada a este fim, com sofá, pufes e cadeiras para os funcionários realizarem as leituras durante os intervalos, além disso, há dois computadores no mesmo ambiente para que os usuários façam leituras *online* ou alguma atividade de pesquisa.

A biblioteca está organizada em uma estante com divisórias dos livros de acordo com as temáticas a que pertencem. No total, o acervo conta com aproximadamente mil exemplares. A estante fica na entrada de um dos pavilhões da empresa e a sala para realizar a leitura se encontra na frente da estante. Destacamos o lugar privilegiado escolhido para acolher os livros, a leitura e os leitores: a entrada do bloco principal. Isso demonstra a relevância e o destaque que a empresa dá para a ação.

Os exemplares que compõem o acervo são de gêneros e assuntos diversificados. Dentre eles citamos alguns: liderança, motivacional, autoajuda, administração, religião, literatura e *marketing*. O que se nota nessa composição é a preferência pela leitura técnica, informativa e motivacional. Livros literários são raros de serem encontrados entre as prateleiras, o que nos surpreende, pois imaginávamos encontrá-los em maior número. Sabíamos que por ser uma biblioteca instalada dentro de uma empresa estaria composta por material mais voltado à motivação e ao sucesso profissional, contudo, acreditávamos que também pudéssemos encontrar mais livros de literatura universal ou brasileira, o que não ocorreu. Assim, questionamos os organizadores acerca dessa escolha/preferência com o intuito de compreender suas escolhas. A informação que nos deram é que estão ampliando o acervo e querem, futuramente, em um projeto extensionista, com nossa parceria, organizar momentos de mediação leitora com os funcionários, em pequenos momentos durante o ano. Também acolheram uma sugestão que demos - em reunião de devolutiva do projeto - de incluir livros infantis e juvenis no acervo, para que os/as trabalhadores/as possam retirar para seus filhos e filhas lerem.

Acreditamos que possa ser bem positiva a ampliação da atividade porque os idealizadores desta ação veem na leitura um significado, como diz Chartier

(1995), sincrético e universal, pois concedem espaço a essa prática mesmo não sendo um lugar formalmente dedicado à educação e à formação de leitores. A proposta é louvável, também, dentre outros motivos porque a grande maioria das famílias da região não possuem livros em suas casas. Além disso, as bibliotecas públicas não dispõem de horários que permitam que o trabalhador possa frequentá-las. Dessa forma, os livros na empresa reforçam esse universalismo e sincretismo de possibilidades ao alcance de quem trabalha.

O mecanismo de divulgação chamado de *biblionews* funciona como um mini jornal da biblioteca. Todo mês é escolhido um tema, o qual é explorado com uma breve apresentação. Há também a indicação de diversos livros, entre eles dois são classificados como mais importantes e são disponibilizadas sinopses para chamar a atenção para o referido volume. Por fim, no canto do cartaz, há um número de *WhatsApp* para que os interessados possam entrar em contato em relação às reservas dos livros de seu interesse. O fato de disponibilizar o contato para o resguardo de volumes, via *WhatsApp*, com certeza é um fator positivo para o acesso dos funcionários às leituras que desejam, pois é acessível, fácil e rápido. A desburocratização do acesso aos materiais de leitura, principalmente os literários, é fator fundamental para a formação de leitores. Vemos, assim, uma excelente porta que se abre para os leitores encontrarem com os livros.

Com o intuito de dialogar com esta reflexão, cabe trazer um dado da pesquisa Retratos da leitura no Brasil (FAILLA, 2020) que aponta a preferência de 92% dos entrevistados por leituras em meios físicos em detrimento das plataformas digitais. Assim, o valor das bibliotecas públicas, ou como no caso desta que foi criada pela empresa para auxiliar seus trabalhadores, é de extrema relevância, pois mesmo vivendo na era digital e da ubiquidade, o livro físico é ainda o preferido da maioria. Assim, facilitar o acesso aos volumes físicos é uma forma de corresponder aos interesses e de ir ao encontro dos leitores.

## O QUE PENSAM OS ORGANIZADORES DA BIBLIOTECA

No questionário destinado aos organizadores do espaço/projeto da biblioteca na empresa, a primeira questão diz respeito ao seu surgimento. A representante responsável, Rachel de Queiroz, menciona que surgiu como reflexo do hábito da leitura do fundador e da sua família e do incentivo ao aprendizado contínuo, que é uma tradição na empresa. Por conta deste propósito, então, a biblioteca surgiu há mais de 10 anos disponibilizando livros técnicos, comportamentais e literários para facilitar o acesso dos colaboradores às obras, incentivar e viabilizar a leitura e o conhecimento.

Como segundo questionamento, nos interessava saber como os funcionários tomam conhecimento e são convidados para frequentar o ambiente. Para esse ponto, Rachel declara que são realizadas divulgações mensais aos colaboradores sobre a biblioteca. Uma delas é um newsletter onde é apresentado um assunto central e relacionado a indicações de leituras sobre este tema. Também este é o meio utilizado para comunicar quando novos livros são adicionados ao acervo. O *link* para consulta aos livros disponíveis também é constantemente divulgado para despertar o interesse das pessoas.

Como terceira interrogação da pesquisa, nos interessa saber sobre quem seleciona/compra/organiza os materiais que serão emprestados aos trabalhadores. Para essa questão, Rachel explica que o setor de Recursos Humanos da empresa é o responsável pelo projeto e há uma pessoa que atende os interessados, esclarece dúvidas, acompanha os empréstimos, separa e guarda livros no acervo, além de elaborar os comunicados sobre tudo o que diz respeito à biblioteca. No entanto, seu trabalho não é dedicado exclusivamente a este fim, o mesmo setor é responsável também por escolher os materiais de empréstimo a partir de indicações de funcionários. Posteriormente, o setor de compras realiza a aquisição das obras.

Sobre os materiais disponibilizados para leitura, Raquel explica que são livros técnicos, motivacionais/autoajuda, literatura, livros em inglês e

espanhol, espiritualistas. Declara que a maior procura é por livros motivacionais/autoajuda.

Como oitava indagação, perguntamos se existe um espaço e tempo destinados para a leitura no ambiente de trabalho/da empresa. Segundo Rachel, o tempo utilizado para a leitura é o intervalo e existe uma sala destinada para essa atividade, além disso, vários funcionários acabam fazendo a leitura na parte externa da empresa, ao ar livre.

Por parte da empresa, Rachel de Queiroz revela que não há uma cobrança em relação às leituras, seu papel é incentivar por todos os meios de comunicação que são utilizados com os colaboradores. Sobre o desenvolvimento do projeto da biblioteca na empresa e os aspectos positivos que possui, a representante nos conta que apresentou um crescimento significativo no número de buscas. Em 2021, foram 456 volumes, com média de 38 empréstimos mensais. Já em 2022, os números são ainda mais positivos, até a data da entrevista, 26/08, foram emprestados 519 livros, subindo a média para 65 livros mensais.

Como último questionamento, nos detivemos em saber sobre a possibilidade de que esse projeto pudesse atingir ainda mais leitores interessados pela busca da biblioteca na empresa. Assim, Rachel de Queiroz menciona que os organizadores têm avaliado novas oportunidades de atingir pessoas que se mostram mais resistentes ao primeiro passo da leitura, mas entendem que muito já foi feito e que, ao olhar para trás, se vê um grande crescimento para o trabalho já realizado, diz a representante.

A educação literária deveria ser uma preocupação de todos e não apenas da escola. Essa empresa do setor moveleiro reafirma, através da instalação do espaço da biblioteca e do incentivo à leitura, a necessidade em voltar seu olhar para a formação técnica, mas não somente para ela. Como direito humano defendido por Candido (2017), a literatura deve ser valorizada e defendida como um bem que não se pode dispensar. Assim como alimentação e moradia, o direito à literatura deveria ser assegurado e defendido em todos os espaços e não somente nos escolares. Assim, a empresa Madesa cumpre seu papel social de ser promotora da leitura, esse bem incompressível.

## A VISÃO DOS TRABALHADORES ENVOLVIDOS NA AÇÃO: INFLUÊNCIA DIRETA EM SEU DIA A DIA

Com o auxílio da gestora de Recursos Humanos da empresa, fizemos o contato com os usuários da biblioteca selecionados aleatoriamente por ela a fim de enviar os questionários a serem respondidos. A partir da aplicação do questionário visamos compreender melhor o impacto que possui para eles o fato de terem uma biblioteca disponível em seu ambiente de trabalho. O questionário foi enviado para 22 trabalhadores, dos quais 15 participaram da entrevista, sendo 9 que se identificam como homens e 6 como mulheres.

Como primeiro questionamento, pretendemos saber se os participantes se consideram leitores. Cabe aqui evidenciar que nos valem da classificação de leitor defendida por Failla (2020) em suas pesquisas que coordena junto ao Instituto Pró-Livro (IPL), quando menciona considerar como leitor os sujeitos que leram, por completo ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses. Não leitor seriam aqueles que declararam não terem lido nenhum livro neste mesmo período. No caso desta investigação que realizamos com os funcionários da empresa Madesa, indo ao encontro do que apresenta o IPL, consideramos como leitor aquele que declara ter a leitura com uma atividade que realiza frequentemente. Nesse sentido, como resposta, tivemos 10 (66,7%) entrevistados que disseram ser leitores frequentes e 5 (33,3%) que se veem como eventuais leitores. Questionamos também sobre a quantidade de livros lidos em média por ano, tivemos 2 (13,3%) entrevistados que leem de 1 a 3 livros por ano, 6 (40%) que leem de 4 a 7 livros por ano e 7 (46,7%) que leem mais que 7 livros por ano.

O dado apresentado por nossa pesquisa demonstra que os trabalhadores entrevistados estão acima da média nacional no que diz respeito à quantidade de obras inteiras lidas. Isso porque a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (FAILLA, 2000) aponta que, em média, o brasileiro lê 2,5 livros inteiros ao ano. Nesse sentido, o projeto da biblioteca na empresa aponta dados positivos nesse quesito.

Como terceiro questionamento, fizemos a indagação sobre o costume de frequentar bibliotecas e/ou comprar/tomar emprestado livros/materiais de leitura. 13 (85,7%) dos interrogados, disseram frequentar bibliotecas ou comprar/tomar emprestado livros, 1(7,15%) disseram que frequentam esses espaços de empréstimo, eventualmente, e 1(7,15%) mencionaram que não costumam frequentar. Em relação a tomar conhecimento da existência da biblioteca na empresa, 14 (93,3%) dos entrevistados tomaram conhecimento pela divulgação feita pela empresa, 1 (6,7%) tomou conhecimento por outro funcionário.

A quinta pergunta é referente ao que o levou a retirar livros na biblioteca. As respostas foram variadas, entre elas, Oswald de Andrade diz que o que o levou a retirar livros foi a busca por novos conhecimentos, inicialização do costume de leitura e crescimento profissional. Adélia Prado e Lima Barreto responderam que foi pela praticidade e pela composição dos livros que procuram ler e estão disponíveis na biblioteca com acervos atualizados. Manuel Bandeira disse que o seu gosto por uma boa leitura foi o que o incentivou. Clarice Lispector, Vinicius de Moraes e Carlos Drummond responderam que iniciaram as leituras por conta do Plano de Desenvolvimento Individual - algo que não nos foi explicado. Lygia Fagundes Telles conta que gosta muito de ler, e como frequenta a empresa todos os dias é bem mais fácil retirar livros lá do que em outra biblioteca. Cecília Meireles, Carolina Maria de Jesus e Ruth Rocha falam sobre o amplo acervo e divulgação através dos canais internos. Além disso, é comum o incentivo a partir de resumos e indicações mensais de livros. Conceição Evaristo revelou que possui interesse em vários títulos existentes na biblioteca, e assim pode lê-los sem precisar comprá-los. Maria Firmina dos Reis referiu sobre a facilidade de acesso aos livros disponíveis e a retirada imediata. Hilda Hilst e Machado de Assis, por sua vez, explicam que o que os levou a iniciar as leituras na biblioteca foi almejar conhecimento.

Essas respostas dos entrevistados dialogam com a pesquisa que retrata a leitura no Brasil (FAILLA 2000). Os dados do referido estudo apontam a certeza de 56% dos participantes que dizem ler porque acreditam que essa prática traz conhecimento, ou seja, uma prática que possui um caráter de utilidade.

O sexto questionamento é sobre o vínculo de frequência da retirada do material. Sobre isso, 6 (40%) entrevistados disseram que retiram livros todos os meses, 2 (13,3%) retiram de 6 a 10 vezes no ano, 5 (33,3%) retiram livros de 4 a 6 vezes no ano, 2 (13,3%) retiram de 2 a 4 vezes no ano.

Na sétima pergunta, a dúvida é sobre as leituras que mais chamam atenção dos leitores da empresa. Entre os gêneros destacados estão romances, revistas, jornais, poemas, técnicos e motivacionais. 10 dos entrevistados (66,7%) escolheram livros motivacionais, 4 (26,7%) optam por livros técnicos e 1 (6,7%) destaca o romance.

Como próximo questionamento, destacamos as informações sobre o período do dia/semana destinado à leitura e quanto tempo, aproximadamente, cada um se detém nesta tarefa. Oswald de Andrade, Clarice Lispector, Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Lygia Fagundes Telles e Maria Firmina dos Reis destinam o final da noite para a leitura. Adélia Prado normalmente lê nas quintas-feiras. Já Carolina Maria de Jesus, Ruth Rocha e Conceição Evaristo utilizam o período do meio dia. Hilda Hilst e Lima Barreto costumam ler de manhã cedo. E Cecília Meireles se dedica às leituras no final de semana.

O tempo de leitura dos entrevistados destinado por dia/semana, se resume em: 3 (20%) têm o hábito de ler mais de uma hora por dia, 5 (33,3%) leem todos os dias, 3 (20%) dedicam três dias da semana para a leitura, 1 (6,7%) faz leituras duas vezes na semana e 3 (20%) leem em um dia específico na semana.

Como décima interrogação, a questão é se os funcionários elaboram algum tipo de resenha ou resumo sobre o livro para ser entregue. Sobre essa pergunta, a resposta é que nenhum dos entrevistados diz entregar qualquer material sobre o que lê.

Na pergunta onze, os funcionários receberam a seguinte questão: Ao seu ver, o que a empresa ganha com a leitura que você realiza? Oswald de Andrade e Lima Barreto responderam que o conhecimento adquirido pelo funcionário será repassado para a empresa por meio da execução do seu trabalho. Desta forma, melhora o processo de trabalho e os resultados. Adélia Prado diz que a

leitura desenvolve a concentração, o foco seletivo e a imaginação, ajudando a manter o cérebro saudável. Manuel Bandeira afirma que aquilo que lê sobre determinado livro pode ser aplicado tanto para melhorar como pessoa como também para investir em seus objetivos. Diz, ainda, que o que realmente a empresa ganha com a leitura dos funcionários é a motivação para auxiliar no crescimento da empresa. Para o funcionário, o autoconhecimento que possui contribui para ser mais feliz e para querer trabalhar não só por uma necessidade, mas sim para se desenvolver como pessoa. Clarice Lispector e Cecília Meireles expõem que os funcionários que costumam sair da zona de conforto e arriscar, têm mais conhecimento sobre si mesmos e seu trabalho. Vinicius de Moraes, Carlos Drummond, Conceição Evaristo, Lygia Fagundes Telles e Hilda Hilst responderam que a leitura deixa os funcionários mais preparados para vida e pro trabalho. Carolina Maria de Jesus, Machado de Assis, e Ruth Rocha falam sobre acreditar que a leitura amplia horizontes e agrega muito, tanto na área pessoal quanto na profissional; traz novas perspectivas e uma visão mais crítica nos mais variados campos. Maria Firmina dos Reis, menciona que a empresa ganha com a leitura realizada porque desenvolve a conversação e escrita dos funcionários, além de estimular o autodesenvolvimento.

Na pergunta doze do questionário, a questão é: Em que as leituras/materiais retiradas/os da biblioteca da empresa lhe favorecem? Há benefício/compensação financeiro/a? Oswald de Andrade diz que favorecem o conhecimento próprio. Não possui demais benefícios. Adélia Prado diz que "A leitura ajuda a criar um bom vocabulário, ajuda na expressão e a escrever as palavras corretamente. Isso por si só já mostra como é um hábito que exercita a suas capacidades mentais. Além disso, ler ainda estimula a pensar sobre diversos assuntos, absorver novas opiniões e refletir sobre o que foi dito". Manuel Bandeira alega que a leitura lhe favorece em conhecimento e desenvolvimento pessoal, e financeiramente às vezes ajuda como forma de investimentos futuros. Clarice Lispector, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond, Carolina Maria de Jesus, Carlos Drummond, Hilda Hilst, Cecília Meireles, Maria Firmina dos Reis, Ruth Rocha e Lima Barreto explicam que o benefício é pessoal,

em forma de conhecimento e desenvolvimento, e não de forma financeira. Conceição Evaristo e Machado de Assis mencionam que a compensação financeira seria não ter a necessidade de comprar os livros, podendo retirá-los na biblioteca. Carolina Maria de Jesus explica que existe o PDI (plano de desenvolvimento individual), que é realizado de forma semestral, onde é importante pontuar os estudos e leituras realizadas. Mas não há uma bonificação financeira. Lygia Fagundes Telles afirma que conhecimento, oportunidade de crescimento na empresa e crescimento financeiro é o que compensa.

Como penúltima pergunta, a questão é: Como você vê esta iniciativa da empresa? Comente. Oswald de Andrade, respondeu que considera uma iniciativa muito importante e que a educação é uma fonte muito importante para o crescimento dos funcionários. Adélia Prado disse que o hábito da leitura traz inúmeros benefícios, ajuda a melhorar o foco, amplia o vocabulário, faz com que se escreva melhor, colabora para aprimorar a comunicação, traz bagagem cultural e, em vendas, faz até vender mais e melhor. Manuel Bandeira, Clarice Lispector, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond, Conceição Evaristo mencionam que é uma iniciativa legal, por conta do incentivo referente à leitura e assim ajuda no crescimento pessoal. Lygia Fagundes Telles disse ser uma ótima iniciativa que agrega muito valor para cada colaborador, visando o crescimento do mesmo. Carolina Maria de Jesus menciona que analisa de forma muito positiva. Inclusive, isso a incentivou a ser uma leitura muito mais assídua, considerando a facilidade e qualidade do acervo disponível aos funcionários - que tem atualizações constantes. Maria Firmina dos Reis comenta que a empresa se preocupa e desenvolve possibilidades para desenvolver e agregar conhecimento aos funcionários em um mundo atual onde a tecnologia acabou deixando de lado esses prazeres da vida que é a leitura. Assim, gerar um prazer para o funcionário e estimula os demais e seus próprios familiares dentro de casa. Cecília Meireles explica que acha importante, pois a Madesa incentiva estudos e cursos para todos os funcionários. Desde os que trabalham do mais alto ao menor cargo dentro da empresa. Sendo assim, a leitura é uma forma de incentivo ao conhecimento. Até porque, praticando a leitura, aprendemos a nos

comunicar e escrever melhor. Hilda Hilst, Ruth Rocha, Lima Barreto e Machado de Assis dizem ser uma iniciativa muito positiva, e que esperam que vire uma corrente, influenciando a criação de novos espaços de leitura.

E como última pergunta, o questionamento é: Há, ao seu ver, algo a melhorar/ampliar/modificar nesta ação? Oswald de Andrade afirma que poderiam ocorrer maiores benefícios para os leitores. Uma premiação para os principais leitores do mês, por exemplo. Adélia Prado, Manuel Bandeira, Clarice Lispector, Lima Barreto, Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis e Vinicius de Moraes dizem não ter algo para melhorar, porque estão sempre em busca de melhorias e atualizações, quando solicitado um novo livro, estão prontamente dispostos a adquiri-lo. Carlos Drummond, dá a sugestão de a empresa não cobrar leitura obrigatória no PDI (plano de desenvolvimento individual). Carolina Maria de Jesus e Ruth Rocha responderam que talvez a empresa poderia fazer uma espécie de premiação, como, por exemplo: "o leitor mais assíduo da biblioteca corporativa Madesa ganhará um vale livro". Lygia Fagundes Telles diz que a única melhoria a ser feita é em relação à divulgação, podendo potencializá-la. Hilda Hilst comenta que gostaria que tivesse mais exemplares dos livros que geralmente são mais almejados, para que não precisasse de fila de espera. Cecília Meireles, disse que gostaria que tivesse um acervo sobre leitura espírita, como Zibia Gasparetto, por exemplo.

## **COMO ESSAS DESCOBERTAS PODEM CONTRIBUIR PARA FOMENTAR A LEITURA NA REGIÃO DO VALE DO CAÍ?**

Como é de conhecimento de todos e sempre muito discutido nos círculos acadêmicos, o Brasil tem uma média de leitura muito abaixo do esperado, conforme apontam os dados da pesquisa de Failla (2020). O problema vai muito além do afastamento das crianças da escola; é uma questão estrutural. São famílias sem condições de dar o amparo necessário, são escolas sem profissionais capacitados nem materiais e estruturas adequados. O Instituto Pró-Livro (2020) aponta que a média de leitura do brasileiro é de 2,43 livros por

ano, sendo que o ideal é que cada pessoa pudesse ler ao menos um livro a cada três meses para ser considerado leitor.

Partindo destes dados, e com o intuito de discutir os resultados acerca da investigação intitulada *Uma indústria de móveis e a leitura: a formação de leitores no vale do Caí*, cabe trazer presente alguns dados nacionais da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (FAILLA, 2020) no que diz respeito às bibliotecas, percepção e uso. Primeiramente, é importante destacar o que o texto que traz a realidade nacional menciona acerca da relevância da biblioteca para as pessoas, ou seja, o que ela representa para os entrevistados. Para esta questão, a grande maioria dos respondentes disse ser um lugar para estudar e pesquisar. Não há, então, menção para o fato de ter alguma importância na formação leitora, ou de ser lugar para encontrar histórias, poesias e demais textos literários. Esse dado é um tanto preocupante porque as pessoas não relacionam o espaço da biblioteca como lugar onde habita a leitura despreziosa e sem uma razão específica. Nesse sentido, a investigação que fizemos com relação à biblioteca na empresa, dialoga com este resultado nacional, ou seja, a visão da biblioteca está como espaço para aprendizado e informação. A revelação desta visão de um lugar que comporta o conhecimento de caráter utilitário - para estudo e pesquisa - diz muito sobre como a sociedade trata a leitura. Será que as ações de promoção da leitura difundidas tanto em escolas como fora delas estão focadas nesta desconstrução da ideia utilitarista?

Em texto intitulado *Habitar espaços e pessoas com o texto literário: algumas experiências* (2022) destaca-se que o utilitarismo da leitura ganha força nos espaços não formais de leitura. Isso ocorre porque a correria da vida moderna não deixa tempo às experiências, pois o lucro está atrelado ao relógio e aos resultados imediatos. A sociedade capitalista está intimamente relacionada ao lucro que por sua vez está condicionado ao tempo. Neste contexto, então, instalar uma biblioteca na fábrica é romper um pouco com esta lógica, contudo, a instrumentalização do espaço deve ser muito bem articulada para que os resultados possam ir ao encontro de uma formação de leitores realmente autônomos e não apenas que busquem o acúmulo de conteúdo informativo.

Em obra que debate ações voltadas à leitura e à arte como elementos considerados inúteis pela sociedade do consumo e da aceleração e que não geram resultados e lucros, Ordine (2016) diz que é nas sutilezas das tarefas, ações consideradas supérfluas e inúteis que encontramos o sentido para a vida. Assim, no caso da pesquisa na fábrica de móveis, aqui apresentada, se a leitura fosse encarada sem a pretensão de aprender algo ou de estudar para este ou aquele fim, os leitores poderiam voltar-se para si mesmos e se permitirem vivenciar experiências inusitadas com os textos criando pontes de acesso aos seus interiores e, quiçá, se redescobrimo, recriando. O difícil é justificar essa ação despreziosa para quem considera o tempo como sinônimo de dinheiro, visto que a indústria, a fábrica vivem da produção, do resultado e do consumo.

Cabe destacar, aqui, um antigo estudo de Perrot (1988), realizado na França, quando a autora aponta que os prisioneiros, junto com as mulheres e os operários, são os excluídos da história. Diz ela que a supressão do nome do trabalhador - que na maioria das vezes é substituído por um número ou um setor - unido ao excesso de trabalho mecanizado e repetitivo da indústria - impossibilita o convívio com os demais companheiros de jornada e a visão do espaço e do lugar como algo que o permita refletir sobre sua prática. As sirenes e as portas que se fecham são formas de manter o controle. Assim, são excluídos da história porque vivem uma vida monótona, repetitiva e sem reflexão; são protagonistas de uma ação programada para gerar lucro e do mundo além dos muros da fábrica/indústria, são apenas os coadjuvantes.

Desde a pesquisa de Perrot (1988) até hoje, muita coisa mudou com relação ao trabalho fabril. A quase que invisibilidade do trabalhador no protagonismo de sua história enquanto cidadão ganha nova performance, graças às leis trabalhistas e à fiscalização que garante os direitos ao trabalho justo e remunerado. Unindo-se a isso, também há um grande número de empresas que buscam formas de fazer com que os trabalhadores se sintam valorizados e participantes ativos do processo de construção e sucesso daquela que é a provedora de seu salário, seja através do que chamam de divisão de lucros, ou de distintos projetos de valorização dos funcionários, que muitos chamam de colaboradores. No caso da Madesa, destaca-se o projeto da biblioteca que se

utiliza da leitura como uma forma de proporcionar aos trabalhadores a suspensão momentânea do tempo de trabalho, para dedicarem-se a outras atividades que possam lhes trazer benefícios, lazer, descontração e aprendizagens.

Ao encontro dessa reflexão que traz o trabalhador como foco, Rancière, em *A Noite dos Proletários* (1988), traz a memória de como se constituíram as noites de trabalhadores da era industrial que acreditaram ser possível uma transformação de suas vidas a partir da leitura em grupo, no silêncio da noite, enquanto o patrão dorme. A leitura e a discussão de textos para além de Marx, Nietzsche e Freud, avançava pela literatura de diferentes gêneros como forma de descansar o corpo, alimentar a alma e de construir suas identidades enquanto homens, operários e cidadãos capazes de muito mais do que seguir a esteira da produção. Assim, o conhecimento e a consciência de classe os fortaleciam e mantinham unidos em seus ideais.

A pesquisa em leitura em um espaço não convencional, não formal para tal, ou não escolar exige que se pense acerca do que diz Rancière: “A transformação do mundo começa no momento em que os trabalhadores mais deveriam desfrutar do sono tranquilo daqueles que têm um trabalho, que não os obriga a pensar” (1988, p. 9). Se os trabalhadores se permitirem dedicar-se a momentos de leitura que os façam sair da zona de conforto e lancem dúvidas e questionamentos estarão aptos a participar dessa (trans) formação de que fala o autor francês. No momento em que os trabalhadores percebem que seus sonhos e aspirações transcendem salários verão a possibilidade de transformarem suas vidas para além da cifra do rodapé do contracheque.

É esta a possibilidade que vemos no projeto da biblioteca instalado na empresa: a oportunidade de pensar além das quatro paredes e projetar um mundo coletivo a partir de uma experiência silenciosa e individual. Nesse sentido, dialogando com a percepção nacional da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2020), os dados da pesquisa realizada com trabalhadores da empresa Madesa também apontam que eles percebem este lugar como o depositário da informação e do conhecimento. Os entrevistados veem nas leituras realizadas uma possibilidade de melhorar isto ou aquilo. A fruição do texto literário não é

mencionada. Assim, Alves e Diehl destacam que “Se a sociedade do consumo e da velocidade não concede tempo para a pausa e para a reflexão, é preciso estratégias criativas para encontrá-lo e proporcionar momentos de experiências” (2022, p. 90). A empresa deu o primeiro passo ao disponibilizar o local e facilitar o acesso. Cabe, contudo, trabalhar melhor a ideia da inclusão do texto literário e da mediação, se for o caso em parcerias com professores e projetos de instituições de ensino voltados à educação literária, para quiçá se propague a cultura da poesia entre estantes, cozinhas, armários e balcões, invadindo, assim, a indústria moveleira e deixando palavras rimadas e combinadas a soarem pelos espaços até então ocupados apenas pelos ruídos de máquinas e motores.

Acerca da existência da biblioteca enquanto espaço para livros que pode ser usufruído pelos trabalhadores, destacamos um importante dado que coloca em evidência a relevância do lugar para os funcionários da empresa Madesa. Isso porque a já referenciada pesquisa de nível nacional, menciona que os entrevistados que não costumam frequentar bibliotecas disseram que poderiam frequentar, caso ela fosse de fácil acesso, se estivesse mais perto deles. Dentre os motivos pelos quais não frequentam o espaço, a falta de tempo está em primeiro lugar. Este é, então, o ponto em que a pesquisa feita junto aos trabalhadores da empresa ganha destaque, pois ao estar inserida entre máquinas, escritórios, matéria-prima e produtos já fabricados mostra que a biblioteca na empresa é uma excelente estratégia para atrair leitores. Os dados apontam como positiva a iniciativa, pois os trabalhadores entrevistados destacam com entusiasmo o projeto da biblioteca na empresa pelo fato de que este espaço está sempre à disposição de suas necessidades leitoras. Facilitar o acesso, o encontro entre livros e leitores é, então, o primeiro passo para a formação de leitores.

Outro importante fato que se pode *linkar* com o estudo que aqui discutimos é a matéria divulgada pela Revista *Fórum* (2020), que destaca o crescente adoecimento mental da população em virtude do estresse gerado no meio laboral. A Organização Mundial da Saúde alerta para o fato de que a responsabilidade para o equilíbrio da saúde mental dos trabalhadores também

seja dos padrões. Estar feliz ou triste, motivado ou desanimado no local de trabalho traz consequências para a produtividade; esse quadro de sofrimento não interessa a ninguém. Se o trabalhador passa mais tempo de seu dia no local onde trabalha é preciso fazer com que este tempo seja o mais prazeroso possível. Nesse sentido, uma das possibilidades que a reportagem destaca é que as empresas considerem a leitura como uma importante ferramenta para proporcionar momentos de autoconhecimento e bem estar aos seus funcionários, o que contribuirá para a melhora da saúde mental e, conseqüentemente, para a produtividade da empresa.

Para além do lucro e da produtividade que o trabalhador pode dar à empresa, destacamos um projeto descrito no *site* da Força Sindical (2019)<sup>5</sup> que merece ser mencionado neste trabalho e que tem como objetivo a formação humana do trabalhador. Trata-se de uma atividade itinerante que leva livros literários até indústrias metalúrgicas de São Paulo e Mogi das Cruzes. De iniciativa do departamento da mulher do sindicato metalúrgico, a biblioteca percorre os locais de trabalho e empresta os livros que são recebidos via doações de editoras e escolas, aos trabalhadores. O que se vê, então, é que a Madesa não está sozinha na tarefa de pensar na leitura como uma oportunidade de acesso à cultura, a conhecimentos e a distintas formas de aprendizados.

Quando destacamos a possibilidade que tem a literatura de contribuir para a formação humana, é necessário trazer as palavras de Candido (2017) que fala sobre o poder que os textos literários possuem de dar forma aos sentimentos, de libertar do caos e de humanizar. Diz ele que “A literatura desenvolve em nós a cota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2017, p. 182). Então, se os espaços escolares são (ou pelo menos deveriam ser) ocupados pela leitura e pela literatura, os não escolares, da mesma forma, não podem estar afastados dela. A palavra em sua forma artística

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://fsindical.org.br/impressao/projeto-de-incentivo-a-leitura-e-sucesso-nas-empresas-metalurgicas-de-sp>

deve ocupar e habitar os espaços naturalmente, como possibilidade de as pessoas simbolizarem a vida, de refletirem sobre ela e atuarem criticamente.

Quando vemos empresas como a Madesa preocupada em proporcionar espaço e tempo à leitura de seus funcionários, percebemos, então, o que Candido defende como direito. Os trabalhadores têm a oportunidade, em seu local de trabalho, de acessar conteúdos distintos de informação, literatura, arte e cultura de forma gratuita e sem cobranças - embora como mostram os resultados, não há muitos textos literários disponíveis e alguns dos pesquisados consideram importante haver uma forma de mostrar aos seus chefes que leem. Assim, há a necessidade urgente de ampliar e diversificar o acervo a fim de dialogar com a humanização defendida por Candido (2017), pois é a literatura a ponte de acesso possível aos afetos, às histórias e às memórias que contribuem para as (trans) formações de cada um. A defesa do direito inalienável mencionado por Candido é, então, um pouco mais profunda do que a leitura de obras de cunho informativo e/ou autoajuda, é adentrar no terreno das subjetividades e das simbolizações que reinventam a vida. A pesquisa aponta, então, que há ações a serem pensadas para que a abertura ao encontro entre os livros e os leitores promovida pela empresa seja reorganizada a ponto de suprimir o imediatismo e o utilitarismo mencionados pelos entrevistados e dar lugar a formação dos sujeitos leitores através do acesso a textos literários.

## ALGUMAS CONCLUSÕES

O Vale do Caí está localizado em um lugar privilegiado do estado do RS, pois fica a poucos quilômetros da capital, da serra gaúcha e do litoral. Também é uma das regiões sempre em crescimento, por possuir inúmeras indústrias, comércio forte e produção da agricultura familiar de destaque. No que diz respeito à educação, os números positivos das provas que medem a qualidade no ensino, como por exemplo o SAEB de 2021, mostram que tudo vai bem, se comparada à realidade nacional. Neste contexto, o IFRS *campus* Feliz atende, aproximadamente, 10 municípios da região e, com isso, busca estar presente

em suas necessidades e construir, junto com essas comunidades, aprendizagens significativas.

Nesse sentido, quando tomamos conhecimento através da imprensa local do projeto da biblioteca da empresa Madesa Móveis ficamos surpresos e felizes pela iniciativa, mas também curiosos para compreender este processo de construção do espaço para livros e difusão da ideia de leitura em um lugar voltado à produção em série. Mesmo que a região disponha de bibliotecas públicas municipais e escolares que realizam empréstimo de livros às pessoas que procuram, ficamos muito satisfeitos e esperançosos por saber que há alguns grupos e entidades não relacionados diretamente à educação e à cultura que se preocupam com a formação de leitores.

Conforme explica Larrosa (2016), vivemos em um mundo cada vez mais acelerado e ditado pelo consumo desenfreado, muitos acreditam e propagam a ideia de que não há tempo e espaço para a leitura na vida das pessoas. O que se vê por aqui, então, é a quebra dessa lógica, pois, o que constatamos com a investigação é que no Vale do Caí existe esse grupo que se mostra preocupado com essa prática e dedicam tempo, arrumam espaço físico e dispõem de valor monetário à causa dos livros, indo, então, de encontro ao senso comum que diz que brasileiro não lê.

O projeto da biblioteca na Madesa Móveis mostra que é possível criar espaços e promover a cultura leitora em qualquer lugar, seja ele escolar ou não, basta sonhar, idealizar e colocar em prática. O que destacamos, então, com este trabalho de pesquisa é a possibilidade de colocar os livros e a leitura no centro do debate, para além das escolas, livrarias e bibliotecas. Os resultados mostram que existem os que acreditam que todo lugar é propício para ler e fazem com que o acesso à leitura seja facilitado. Quando as pessoas notarem que é comum encontrar dentro da fábrica, da loja, da cafeteria ou do salão de beleza, tanto poesias quanto narrativas, quiçá sintam-se convidadas a entregarem-se a esta proposta de descobrirem-se leitores e promotores de leitura.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Izandra. DIEHL, Viviane. Habitar espaços e pessoas com o texto literário: algumas experiências. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, UFS, v. 37, jan-jun, p. 79-92, 2022.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRAD, Jean. *Discursos sobre a leitura (1890-1990)*. São Paulo: Ed Ática, 1995.

CASTANHEIRA, Nelson Pereira. *Estatística aplicada a todos os níveis*. 1 ed. Curitiba: InterSaberes, 2013.

FAILLA, Zoara. *Retratos da Leitura no Brasil*. 5.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

FOSTER, Gustavo. *Empresa de móveis instala biblioteca com mais de 1 mil livros para incentivar leitura de funcionários em Bom Princípio*. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/01/25/empresa-de-moveis-instala-biblioteca-com-mais-de-1-mil-livros-para-incentivar-leitura-de-funcionarios-em-bom-principio.ghtml>. Acesso em: 05 abr. 2023.

GOLDIN, Daniel. *Os dias e os livros: divagações sobre a hospitalidade da leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. 1a ed. 2a reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ORDINE, Nuccio. *A utilidade do inútil: um manifesto*. Tradução de Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PERROT, Michel. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PETIT, Michèlle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: ED.34. 2009.

PRÓ-LIVRO, Instituto; ANL. *Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina*. G1/O Globo; Estadão/Cultura. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. *A noite dos proletários. Arquivos do sonho operário*. Tradução de Marilda Pedreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SINDICAL, Força. *Projeto de incentivo a leitura é sucesso nas empresas metalúrgicas de SP*. 2019. Disponível em: <https://fsindical.org.br/imprensa/projeto-de-incentivo-a-leitura-e-sucesso-nas-empresas-metalurgicas-de-sp>. Acesso em: 05 abr. 2023.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

UVAROVA, Elizaveta. *Incentivo à leitura surge para melhorar saúde mental e produtividade nas empresas*. 2020. Disponível em: <https://itforum.com.br/noticias/incentivo-a-leitura-surge-para-melhorar-saude-mental-e-produtividade-nas-empresas/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

**Recebido em:** 10/04/2023

**Aprovado em:** 14/08/2023

**Publicado em:** 30/08/2023